

Cláudia Feliz

Shopping centers, poluição, construções arrojadas..., Vitória de 1987, contudo, guarda consigo sinais de um provincianismo de 20 ou mais anos atrás, refletido por poucos exemplares de estabelecimentos comerciais que resistem ao tempo e são referência

Em plena Praça Oito, centro de convergência de tudo e de todos que transitam pela cidade de Vitória, em meio ao vai-e-vem frenético de carros e pessoas, ela resiste ao tempo. A loja Flor de Maio, com suas imensas prateleiras, piso em cerâmica desenhada e portas cerradas durante o horário de almoço, parece não querer ceder ao contemporâneo. Vendas a crédito? Nem pensar. Nada desses recursos modernos neste estabelecimento comercial que ainda mantém uma tradição do início do século.

Poluição ambiental, sonora — haja tímpano para tantas buzinas — pessoas a correr em busca dos prazeres (e desprazeres) que a cidade quatrocentona tem a oferecer. Mas Vitória guarda consigo, refletido em espécimes raros do comércio, traços de uma cidade que mantém, por determinação de alguns, um elo com um passado não muito distante, mas saudoso. Basta caminhar por suas ruas para encontrar exemplos de uma cidade pequena, com ares de desenvolvida. É certo que a capital do Estado se esforça para perder este seu lado provinciano, mas ele existe, para satisfação de quem valoriza a manutenção de relacionamentos interpessoais que fogem à frieza que o progresso nos reserva.

Namorando a praça

Outro exemplo desta marca de cidade pequena está na praça Costa Pereira. É o Café e Bar Moderno, registrado em maio de 1939. Quem passa pela calçada, depois de caminhar por entre lojas de letreiros luminosos e prédios com suas fachadas antigas escondidas por placas metálicas, até se surpreende. Afinal, o Bar Moderno mantém seu mobiliário como nos bons tempos: cadeiras de madeira, mesas com tampo de mármore branco em formato redondo, e aquele ambiente típico dos cafés de antigamente. Um enorme balcão de mármore dá o toque especial, enquanto as paredes em tom rosa acentuam um ar de casa antiga que, ali, “cai, como uma luva”.

O Moderno está como que namorando a praça, outra lembrança viva da Vitória que muitos desejariam reencontrar: cheia de árvores, bucólica. Consciência do proprietário, o português José de Campos Marques, 73 anos de idade, preocupado em preservar um pouco do que restou da história da cidade? Nada disso, segundo argumento um de seus filhos, José Carlos, 24 anos. O velho Marques não dá entrevistas, e é José Carlos quem explica: “Meu pai é mais do viva e deixa viver. Por isso, ainda mantém aqui até este balcão de madeira e não quer diversificar as mercadorias”.

Quem entra no Moderno — que de moderno nada tem — se depara com um anúncio típico dos bares da periferia ou de cidades interioranas: “Pinga, Cz\$ 8,00 — manuscrito num pedaço de folha de caderno. À disposição da freguesia, ovo cozido, linguça no palito e cachaça com raízes diversas. Cerveja gelada e refrigerantes, é claro, porque a clientela é variada. Por lá transitam

da população que aqui está fixada, vivendo o seu dia-a-dia. Para quem não sabe, há lojas que ainda fecham no horário de almoço, mantendo mobiliários antigos e uma clientela fiel. Verdadeiros marcos na vida de várias gerações, contrastando com o tumultuado corre-corre desses tempos modernos tão neuróticos.

Quem circula pela Praça Oito, centro da capital, onde muita gente representativa na comunidade capixaba ainda costuma dar uma paradinha para saber das novidades, às vezes nem percebe que ali, uma loja parece mostrar que o tempo está parado. Não há um intenso movimento nos mais de 200 metros quadrados da Flor de Maio, onde César Naime guarda muito da história da cidade. Mas é ali que pode-se encontrar, por exemplo, um chapéu Ramezoni, o mais caro produto da loja, custando hoje acima de Cz\$ 1 mil.

A procura maior, contudo, recai sobre os chapéus maiores, no estilo boiadeiro, requisitados por fazendeiros e ciganos. Ali, só se compra pagando à vista, porque o sistema de crediário nunca foi implantado. “Já quiseram me comprar a loja para instalar outro tipo de comércio. Mas eu não vendo”, diz Naime, que é solteiro e comenta o comportamento dos sobrinhos, jovens, a lhes cobrar a modernização do estabelecimento comercial. “Se eu tivesse que modificar a arquitetura, o mobiliário antigo, teria que optar por outro tipo de comércio. E isso, definitivamente, não me interessa”, garantiu ele, embora explicando que, tão logo consiga reforçar o quadro de funcionários — hoje a loja só mantém dois vendedores — deixará de fechar para o almoço.

Viver é preciso

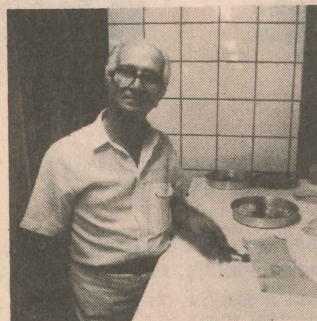
Tal medida, porém, nem passa pela cabeça do comerciante libanês Jorge Amon, 77 anos de idade, primeiro e único proprietário da Casa Esperança. Nacionalista, Amon mantém o letreiro em verde e amarelo e a bandeira brasileira em destaque, no teto da loja. Instalada desde 67, na rua professor Baltazar, a Casa Esperança surgiu em 1930, inicialmente na avenida Capixaba e sempre fechou no horário de almoço, uma medida nada compatível com os tempos modernos, principalmente em meio a uma das maiores crises econômicas que o país já atravessou, com comerciantes disputando acirradamente cada consumidor.

“Prefiro viver mais um pouco a ficar rico”, garante Amon, justificando sua forma de administrar a loja de armarinho e tecidos finos. Há, no interior da Casa Esperança, crepes e sedas que atraem uma clientela já tradicional. A exemplo da Flor de Maio, a Esperança também não tem crediário, e Jorge Amon não nega a existência de alguns queixosos em relação ao fechamento das portas do meio-dia às 13h30m. “A cidade cresceu, ganhou prédios modernos e tem muita mocinha por aí com mais visão comercial do que nós, os antigos. Mas acho que ela ainda comporta um comércio nestes moldes”, assegura o proprietário.

Se comporta ou não, o fato é que estabelecimentos do gênero atraem a atenção e conseguem cativar também uma clientela mais jovem, que nem chegou a viver à Vitória dos bondes e dos cafés. “Eu gosto deste bar antigo, meio brega, por uma questão de identificação. Sei lá...”, ar-



A Flôr de Maio e a Casa Esperança trazem, em meio à poluição ambiental e sonora atual, a memória de uma cidade calma, na qual havia linhas de bonde. Outros pontos, marca registrada da cidade, são o Caldo Lyra e a Farmácia Rangel.



gumentou o universitário Fábio Menelli, 28 anos, que acompanhado dos amigos, também estudantes universitários, Djenane Ferraz Costa, Robson Cabral e João Perut, curtiu a tarde da última quarta-feira, saboreando uma cerveja gelada, no Bar Moderno.

“O Moderno nunca teve pique de badalação e a nossa presença aqui é uma questão de simples afinidade. Onde mais se poderia conversar e ler jornal com uma tranquilidade só quebrada pela presença de um vendedor de loteria, com este ambiente?”, questionou Perut, na tentativa de resumir seu pensamento numa só constatação: no interior do Moderno, a relação das pessoas entre si e com o próprio bar nada tem de impessoal, a exemplo do que acontece em lojas modernas, nas lanchonetes no estilo self service, tão comuns nos dias de hoje.

Escada com rodinhas

O proprietário da Farmácia Rangel, Rangeli Rangel, estabelecimento comercial que em seus 35 anos de existência só fechou num período não superior a 60 dias, não é tão saudosista. A farmácia, ponto de referência para muita gente, ao longo de todos esses anos, também mantém as mesmas características desde sua inauguração, quando o proprietário, primeiro diretor da Faculdade de Farmácia e Bioquímica do Espírito Santo (Fafabes), era ainda um rapaz de 21 anos de idade.

“O mundo hoje é de violência e opressão, e a mentalidade das pessoas mudou. Tudo mudou. Eu tenho pena da juventude de hoje, mas acho que as coisas não podem parar no tempo”, disse Rangel, mostrando o imobiliário da farmácia — sala de injeção, uma escada que se desloca pela prateleira através de uma tubulação de ferro (as rodinhas foram retiradas temporariamente), cujos degraus desgastados mostram a marca dos muitos anos de uso.



tir de 1962, quando o proprietário Acyr Queiroz Lyra o trouxe para o térreo do antigo hotel Europa, na rua Cerqueira Lima, 21. Quem não se lembra das tardes regadas a caldo com pastel, naquela sempre movimentada casa comercial, movida pela presença constante de uma juventude de apetite voraz? Da periferia vinham as mães com seus filhos, em visitas a consultórios médicos ou passeios para simples observação das vitrines. E no programa, caldo com pastel para alegrar a criançada.

“A casa virou moda. O ex-governador Gerson Camata, o locutor Jairo Maia — proprietário de uma loja de discos que também fez furor na cidade — e muitos mais, eram fregueses certos”, conta seu Lyra, lágrimas nos olhos ao se lembrar do pai, Antônio, mentor intelectual do negócio, em 36, com quem Acyr foi trabalhar aos 19 anos. “Fechamos o estabelecimento em 84, com a venda do prédio pelo proprietário. Demoliram tudo e ergueram um barracão no local”, disse ele, referindo-se à construção de uma enorme loja de confeções.

O Caldo Lyra, instalado atualmente na rua da Alfândega, num ambiente decorado em estilo bem moderno, na opinião de Acyr — que aos 70 anos de idade, ainda inspetor no Colégio Maria Ortiz, afirma ter forças para conquistar seu espaço no mercado — será o mesmo daqueles tempos. “Trouxe comigo empregados antigos, instalei equipamentos modernos, sem ruído, e acho que há possibilidade de tudo voltar a ser como antes”, diz ele, esperançoso.

Mas os tempos são outros. Não há mais normalistas atrás do balcão, com seus uniformes tradicionais, embora na Praça Costa Pereira, os aposentados tentem manter acesas as lembranças da cidade provinciana que Vitória insiste em querer deixar de ser. “Estou preparando o material para escrever um livro, contando tudo sobre Vitória de antigamente”, anuncia Mário Freire Barbosa, funcionário federal aposentado, sentado num banco da praça ao lado de Wlademiro Gomes da Silva, 89 anos de idade, dono do já extinto Bar e Café Carlos Gomes, que ficava ao lado do teatro mais tradicional da cidade, de mesmo nome. Gominiana Soares Bastos, a freguesia fiel do Moderno, também sente saudades dos bares Jaú, Santos (este, atualmente, descaracterizado) e Marrocós. “Mas a gente não se sente mais à vontade. Os garçons antigos, por exemplo, já se aposentaram, e não há mais aquela tranquilidade tão importante para a vida das pessoas”.

os quais explica: "Meu pai é mais do viva e deixa viver. Por isso, ainda mantém aqui até este balcão de madeira e não quer diversificar as mercadorias".

Quem entra no Moderno — que de moderno nada tem — se depara com um anúncio típico dos bares da periferia ou de cidades interioranas: "Pinga, C2\$ 8,00 — manuscrito num pedaço de folha de caderno. À disposição da freguesia, ovo cozido, linguíça no palito e cachaça com raízes diversas. Cerveja gelada e refrigerantes, é claro, porque a clientela é variada. Por lá transitam pessoas com muitas histórias a contar, a exemplo da dona-de-casa Gominiana Soares Bastos, 66 anos de idade, pensionista do INPS e frequentadora fiel da casa.

"Conheci este bar quando ainda tinha 29 anos de idade. Aqui quase nada mudou, à exceção do piso e de alguns azulejos. Sabia que depois que o Moderno passou a fechar, nunca mais o carnaval da praça Costa Pereira foi o mesmo?", comenta a mineira, que gosta de cerveja e é capaz de, sozinha, sentar-se à uma das mesas do bar para degustar, com prazer, sua bebida predileta. "Não é todo dia não, minha filha. Só quando sai a micharia da pensão. Um pouquinho e já estou satisfeita", faz questão de esclarecer.

Gominiana, segundo José Carlos, é um dos fiéis fregueses do bar. "Aqui entra gente de todas as classes sociais, e sempre foi assim. Meu pai era empregado, comprou o comércio e nunca mudou a maneira de servir. Quem mais frequentam são os aposentados, gente que gosta de lembrar dos bons tempos e que chega na parte da manhã. Mas os jovens também procuram o Bar Moderno e o movimento comercial é muito bom", diz o rapaz.

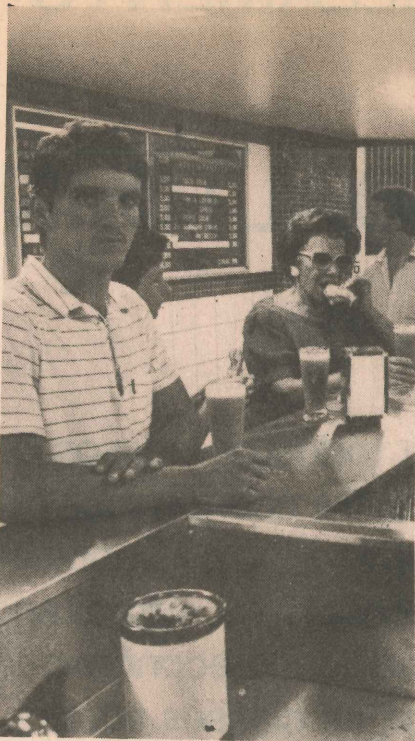
Mas não só bares antigos dão o toque provinciano à cidade. Abarrotada de mercadorias em seus pouco mais de 20 metros quadrados, a Casa das Linhas, também de frente para a praça Costa Pereira, é outro exemplar interessante. "Muitas pessoas já me perguntaram sobre os motivos que me levam a não fazer uma reforma geral na loja, que tem espaço bem reduzido para os consumidores e esse ar antigo. Mas para reformar haveria um transtorno muito grande, porque as prateleiras estão totalmente apoiadas sobre o balcão", explica Mauro Saliba, 41 anos, que herdou o comércio do pai, Antônio Félix Saliba, já falecido, ex-dono do Cine Continental, em Vila Velha.

A loja existe há aproximadamente 40 anos, e pelo espaço mínimo que dispõe, transitam diariamente, em média 200 pessoas, mulheres em sua maioria, sempre envolvidas com a escolha de linhas e aviamentos. "A freguesia é fiel e constante, e aceita sugestões. Tem gente que solicita o material da calçada, em dias de intenso movimento. Estou aqui desde criança, quando numa das minhas férias escolares meu pai me convocou para auxiliá-lo nas vendas, e não vou alterar em nada o ambiente. Um profissional do ramo, bem-sucedido, já me avisou: 'Mauro, se você reformar a Casa das Linhas, mudando o mobiliário, dando-lhe um aspecto moderno, as vendas vão cair'.

Talvez por acreditar nesta profecia, mas, principalmente, por se considerar um conservador no sentido literal da palavra, o dono da Flor de Maio, César Naime, com "mais de 60 anos", nem pensa em transformar sua antiga e espaçosa loja num estabelecimento moderno. Naime vende chapéus numa época em que o objeto já não integra as peças básicas do vestuário masculino, guarda-chuvas, malas e bolsas para viagem. Herdou o "tino" comercial dos tios, descendentes de libaneses que em 1902, abriram a primeira Flor de Maio, na avenida Jerônimo Monteiro, onde hoje está localizado o hotel Cannes. "Esta loja aqui da Praça Oito surgiu em 35, como a filial que vendia só calçados e perfumes importados. Eu era empregado e assumi em 54. Desde então, mantenho a loja intacta, como a recebi", conta ele, debruçado sobre a antiga registradora, já centenária e hoje já fora de uso.

to das portas do meio-dia até 13h30m. "A cidade cresceu, ganhou prédios modernos e tem muita mocinha por aí com mais visão comercial do que nós, os antigos. Mas acho que ela ainda comporta um comércio nestes moldes", assegura o proprietário.

Se comporta ou não, o fato é que estabelecimentos do gênero atraem a atenção e conseguem cativar também uma clientela mais jovem, que nem chegou a viver à Vitória dos bondes e dos cafés. "Eu gosto deste bar antigo, meio brega, por uma questão de identificação. Sei lá...", ar-



O caldo Lyra volta com seu pastel



Casa das Linhas: marca registrada

...a Farmácia e Bioquímica do Espírito Santo (Fafabes), era ainda um rapaz de 21 anos de idade.

"O mundo hoje é de violência e opressão, e a mentalidade das pessoas mudou. Tudo mudou. Eu tenho pena da juventude de hoje, mas acho que as coisas não podem parar no tempo", disse Rangel, mostrando o imobiliário da farmácia — sala de injeção, uma escada que se desloca pela prateleira através de uma tubulação de ferro (as rodinhas foram retiradas temporariamente), cujos degraus desgastados mostram a marca dos muitos anos de uso.

...eres que frequentam o nosso restaurante, embora a casa seja de muito respeito. Por aqui circularam, em épocas passadas, famílias tradicionais da sociedade capixaba, e até hoje muitos bancários, comerciantes e juizes nos prestigiam com suas presenças", diz Casotti.

Há um mês, outro tradicional nome do comércio capixaba tenta trazer de volta os bons tempos. Trata-se do caldo de cana Lyra, dono de um dos melhores sabores de união de produtos que tem a cara da cidade: pastel com caldo gelado. O Lyra, que surgiu em dezembro de 36, então na Capixaba, viveu seus dias de glória a par-

tória de união", anuncia Mário Freire Barbosa, funcionário federal aposentado, sentado num banco da praça ao lado de Wlademiro Gomes da Silva, 89 anos de idade, dono do já extinto Bar e Café Carlos Gomes, que ficava ao lado do teatro mais tradicional da cidade, de mesmo nome. Gominiana Soares Bastos, a freguesa fiel do Moderno, também sente saudades dos bares Jaú, Santos (este, atualmente, descaracterizado) e Marrocos. "Mas a gente não se sente mais à vontade. Os garçons antigos, por exemplo, já se aposentaram, e não há mais aquela tranquilidade tão importante para a vida das pessoas".

VAMOS MOSTRAR QUEM SOMOS

NÃO ESQUEÇA DE LEVAR:
 — Carteira de Identidade
 — Contra-Cheque
 — Cartão do CPF
 — Cartão PIS/PASEP



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
 SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA PARA ORGANIZAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA
 SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO E DOS RECURSOS HUMANOS
 CENSO DO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL

Chegou a hora do Servidor Público mostrar seu valor.
 O governo precisa conhecer a real situação da administração estadual para corrigir injustiças, dinamizar e oferecer mais eficiência.

O Censo é o caminho.
 De 22 a 26 de junho, todo Servidor Público Estadual deve procurar o Posto de Recenseamento do município onde trabalha.

Sua colaboração consciente e responsável é fundamental.
 Temos um sério compromisso com a prestação de bons serviços ao povo.
 O Censo é o caminho.

CENSO
SERVIDOR PÚBLICO
SERVIDOR DO POVO

De 22 a 26 de junho procure o Posto de Recenseamento do município onde você trabalha

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO